



A 'griffe' do novo mercado

■ Para comemorar um marco histórico a Bolsa reuniu num almoço-homenagem, dia 25 de Julho/2008, dirigentes das 101 empresas que aderiram ao Novo Mercado, entidades de classe, Corretores e personalidades do Mercado de Capitais.

– Estamos aqui hoje celebrando o Novo Mercado, seu inegável sucesso, disse Maria Helena Santana, presidente da CVM. O Novo Mercado deve ser e é um orgulho, um ativo que o Brasil possui; provavelmente o fator institucional que isoladamente mais contribuiu para a construção do mercado de IPOs de que hoje o nosso País dispõe.

– Agora que o Novo Mercado se tornou uma “griffe” internacional, poucos se lembram do esforço imenso que houve no seu início e do descrédito enfrentado para levar adiante a iniciativa, disse Edemir Pinto, diretor presidente da BM&FBOVESPA. São as empresas listadas no Novo Mercado que renovam diariamente esse compromisso na rotina de suas práticas de relacionamento com os acionistas, com os reguladores, com a Bolsa e com o mercado em geral.

– Acredito que uma das razões do sucesso do Novo Mercado foi a rede de parcerias que se formou em torno desse projeto, reunindo tanto o setor público quanto o privado. E quero destacar dois personagens sem os quais ele não sairia do papel: os investidores e as empresas, afirmou Gilberto Mifano, presidente do Conselho de Administração da BM&FBOVESPA.

Força coletiva – O presidente Raymundo Magliano costuma dizer que precisamos festejar nossas conquistas e datas especiais. Ele tem razão. São símbolos que merecem ser cultivados e lembrados, porque reforçam nossa compreensão e determinação de lutar por aquilo em que acreditamos.

Como lembra Mifano, então superintendente na época, o Novo Mercado veio à luz em Dezembro de 2000. Foi uma criação coletiva:

– Alfredo Riskallah era o presidente da Bovespa; e Magliano, o vice.

– Maria Helena era a executiva da Bolsa responsável pela área de Relaciona-

mento com Empresas.

Há outras pessoas e entidades que também trabalharam para a realização do Novo Mercado: – José Roberto Mendonça de Barros, da MB Associados, líder de um time que fez um estudo que serviu de base para o Novo Mercado; – Luiz Leonardo Cantidiano, que ajudou a preparar o novo regulamento; – a CVM, na época comandada por José Luiz Osório; – o Banco Central, presidido por Armínio Fraga.

Mas dois personagens – investidores e as empresas – foram fundamentais: compreenderam as vantagens da adoção de regras mais rígidas de governança, com transparência e ética nos negócios; onde se exige que pelo menos 20% dos membros do Conselho de Administração sejam independentes. Perceberam que isso valorizaria as ações das companhias e permitiria recuperar a liquidez. Enfim, entenderam que a ampliação dos direitos dos Minoritários, de um lado, e a implantação de uma política forte de transparência para as empresas, de outro, seria benéfica para todo o mercado.

Novo mercado: as 101 mais – Como lembra Mifano, duas empresas abriram o caminho, com ousadia e perseverança, carregando sozinhas a bandeira do Novo Mercado por mais de dois anos: a Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR) e a Sabesp.

A partir de 2004, depois de muitos anos de um mercado deprimido, a maré mudou. Os fatores macroeconômicos tornaram-se favoráveis, e a Bovespa, com seu segmento especial de governança (os Níveis 1, 2 e Novo Mercado) e seu aparato tecnológico, estava pronta para o grande salto.

Esse novo ponto de partida foi o IPO, ou a oferta pública de ações da Natura, do setor de cosméticos. Seguindo-a, mais 4 companhias entraram no Novo Mercado; – em 2005, outras 11; – em 2006, mais 26; – em 2007, um ano especial, mais 48 companhias; e – neste ano, mais 10 até aqui chegando à centésima adesão com o IPO da OGX, do setor de petróleo e à 101ª empresa Estácio, do setor da educação.

É uma feliz coincidência que a chegada a esse número mágico – 100 companhias – tenha ocorrido já sob a era da BM&FBOVESPA S.A., a empresa que resultou da integração das duas bolsas brasileiras, também listada no Novo Mercado dia 20 de Agosto/2008.

Juntas, as 101 empresas têm um valor de mercado de 445 bilhões de reais, quase 19% da capitalização total da Bovespa. Nas ofertas públicas, elas captaram um total de 96,5 bilhões de reais e trouxeram para o mercado dezenas de milhares de novos investidores individuais. O Novo Mercado é um marco divisório no progresso do mercado de capitais brasileiro. É um modelo reconhecido internacionalmente, um selo de qualidade.

Conforme enfatizou Edemir Pinto “o Novo Mercado é um de nossos principais produtos. Sua consolidação nos autoriza a afirmar que a BM&FBOVESPA está preparada não só para o forte crescimento interno de investimentos que o Brasil precisa, como para dar continuidade ao processo de internacionalização de nossa economia, transformando a Bolsa brasileira em um grande pólo financeiro mundial.

As companhias estrangeiras que quiserem listar papéis no Brasil terão acesso, em breve, a um segmento de governança especial dedicado só para elas. “Vamos lançar o Novo Mercado para BDRs”, anunciou o diretor-presidente da BM&FBOVESPA, Edemir Pinto, referindo-se aos papéis de empresas internacionais que quiserem vir à Bolsa brasileira. A idéia é permitir que ofereçam melhor tratamento aos acionistas Minoritários e mais transparência, nos moldes do Novo Mercado tradicional. A expectativa é que as regras estejam prontas em até seis meses.

Ney Castro Alves, Advogado, é presidente da Theca CCTVM, presidente da Adeal e da Fenadistri, membro dos Conselhos Administrativos da CNF e da Ancor, e membro suplente do CRSFN – Conselho de Recursos do Sistema Financeiro Nacional. neyalves@theca.com.br